

Considerações finais

Eis porque, por outro lado, a estada para o estrangeiro é uma pedra de toque tão mais precisa. Obriga todos a escolher um critério. No fundo, obviamente, a garantia única do julgamento correto é ter escolhido uma posição antes de vir".
(Benjamin, 1995: 155)

Muitas considerações foram sendo expostas ao longo desta narrativa, como quem vê o caminho se fazendo ao longo da caminhada. Assim, chegar a esse momento é como retornar de um lugar estrangeiro. Embora o mestrado tenha um tempo definido e que acaba sendo sempre menos do que precisaríamos para dar conta de todas as descobertas, mais do que constatações, o tempo do mestrado é de aprendizagem. O encontro com a teoria, a experiência com a pesquisa, os erros e os acertos, são fundamentais para irmos adiante na construção do conhecimento. Assim, este não é o momento de trazer todas as respostas, mas de encaminhar novas questões. Estar no campo por um tempo nos obriga a eleger critérios que são questionáveis, porém necessários para que se produza uma exposição fundamentada. No entanto, criar raízes é um processo lento. Creio que este texto se tornou um solo árduo, porém fértil. Fértil porque aberto a críticas e sugestões, e também porque cada leitor poderá encontrar em seus cantos e cortinas, sua própria voz, seja para concordar, seja para contestar.

Em relação ao processo da pesquisa, entendo que o mergulho muito denso no campo exigiria um tempo maior ou um recorte mais definido. A atenção ao recorte é fundamental, o que, no entanto, foi uma das minhas maiores dificuldades. Por outro lado, o diário de campo tornou-se um material fecundo a ser trabalhado com lentes específicas. Isso porque as questões não emergiram espontaneamente no campo. O estudo teórico foi fundamental para que eu pudesse me colocar no lugar do outro, tanto como ocupar o lugar de exotopia, um movimento de ir, olhar, depois retornar ao lugar de pesquisadora. Não é um exercício fácil. Sem a teoria não seria possível.

O exercício de estabelecer as categorias foi trabalhoso, mas essencial para dar sentido ao campo. Esse processo me remete à idéia de Benjamin sobre *o reticulado do avesso que ia ficando mais confuso a cada ponto dado, com o qual, no direito, me aproximava da meta* (Benjamin, 1995: 129). Por isso, procurei, neste texto, mostrar o avesso e o direito da pesquisa, mesmo sabendo que nenhum texto daria conta de reter em suas muitas vozes todos os impasses, emoções e descobertas desse processo.

Com relação ao resultado do trabalho de campo, compreendo que, embora compromissada com a educação infantil, a prática observada tem um referencial datado. Esses referenciais não permitem uma reflexão crítica e essa prática não encontra campo fértil para ser reformulada. Isso se explicita nas situações apresentadas ao longo da pesquisa, que privilegiam o ensino e o conteúdo como o centro do processo educativo. A diferença entre tempo e espaços de brincar e trabalhar, observada na prática das professoras e explicitada pelas crianças, não seria um ponto de partida para se refletir sobre essa prática?

Na escola estudada, a criança é identificada como aluno, devido à identificação da educação infantil com o ensino fundamental, mas também devido a um conceito de criança que não sabe, que precisa ser ensinada, em detrimento de uma criança que é produtora de cultura e produzida na cultura. Seria importante criar espaços nos quais a criança se sentisse desafiada, convidada a criar, a expressar-se com liberdade. Esse espaço de criação seria fundamental para uma pedagogia que levasse em conta a criança e não o aluno, que fizesse da educação infantil um espaço de criação, imaginação, fantasia, através da experiência com a cultura. Entretanto, ver não é fácil, pois *é um exercício que por si só já exige esforço*. Para ver a criança é preciso armar esse olhar sensível do professor com a teoria. E esse processo só é possível através da formação.

Com certeza, na escola pesquisada, há o desejo de fazer o melhor para a criança, que se traduz em um trabalho realizado com muita seriedade e respeito. Essa prática, no entanto, não propicia à criança viver a infância enquanto uma experiência com a cultura. O conceito de criança e de infância é de um tempo de preparação para o futuro.

Para construirmos novos conhecimentos, novas práticas é preciso levar em conta a experiência do sujeito. Do sujeito criança e do sujeito adulto. Não parece possível construir uma educação infantil de qualidade olhando só a criança ou só o adulto. É preciso criar elos de coletividade, espaços de narrativa onde se descubra, na finitude do presente, a possibilidade de, ao resgatar o passado, se lançar em um tempo de utopia, que surge pela possibilidade de tornarmos nossas vivências em experiência preñe de significado.

Por isso, como já explicitiei no início deste texto, estudar a infância e a criança é fundamental para que retornemos à prática. Assim, essas questões me remetem à idéia inicial da formação. Percebemos que a falta de uma formação continuada do profissional da educação infantil incide diretamente numa prática distanciada das reflexões teóricas e da reflexão crítica sobre a sua própria prática. Para mudar a sua prática o professor precisaria experimentar um lugar de exotopia? Como propiciar essa

experiência ao professor? Se entendemos como fundamental para a prática pedagógica o professor ocupar um lugar de escuta dos movimentos da criança, aprendendo com as crianças, procurando entender suas interações, seus gestos, valorizando as produções das crianças, não seria também fundamental traçar o mesmo percurso na formação do professor? Como estabelecer uma proposta de formação que proporcione ao professor um lugar de sujeito e crítico da sua prática, que leve em conta seus movimentos, gestos, medos, produções e conhecimentos?

Enfim, que esse convite para ver a criança tenha nos proporcionado o entendimento de que, para repensarmos as práticas pedagógicas na educação infantil, seria fundamental levar em conta as manifestações da criança pois,

Ela é um outro porque é sempre algo diferente... .. porque é sempre outra coisa diferente do que podemos antecipar, porque sempre está além do que sabemos, ou do que queremos ou do que esperamos. Desse ponto de vista, uma criança é algo absolutamente novo que dissolve a solidez do nosso mundo e que suspende a certeza que nós temos de nós próprios.

Jorge Larrosa (2003: 187)